

ENTREVISTA COM CHRIS ROJEK: PERCURSO ACADÊMICO E APROXIMAÇÃO COM OS ESTUDOS DO LAZER

César Teixeira Castilho¹

Université de Paris-Sud

Paris – França

RESUMO: O artigo em questão traz uma entrevista realizada com o Professor Chris Rojek. Autor de diversos artigos e livros relacionados à temática do Lazer, o sociólogo britânico descreve seu percurso como pesquisador, sua compreensão do Lazer contemporâneo e suas críticas a esse campo de estudos. As perguntas foram formuladas com o objetivo de trazer à tona conceitos polêmicos desenvolvidos em sua obra, como o “lazer anormal”, e questões da atualidade, como a influência dos meios de comunicação nas relações interpessoais e nos movimentos de resistência espalhados pelo mundo.

Palavras-chave: Chris Rojek. Entrevista. Lazer.

INTERVIEW WITH CHRIS ROJEK: ACADEMIC PATHWAY AND APPROACH TO THE LEISURE STUDIES

ABSTRACT: The present article brings an interview with Professor Chris Rojek. Respected author of several refereed articles and books related to the topic of Leisure Studies, the British sociologist describes his academic career as a researcher, his understanding of contemporary Leisure and his criticism of the current research. The questions were formulated in order to bring up controversial concepts developed in his work, like the Abnormal Leisure, and current issues such as the influence of media on interpersonal relationships and resistance movements around the world.

Keywords: Chris Rojek. Interview. Leisure Studies.

ENTREVISTA CON CHRIS ROJEK: VÍA ACADÉMICA Y EL ENFOQUE DE LOS ESTUDIOS DEL OCIO

RESUMEN: El artículo en cuestión trae una entrevista con el profesor Chris Rojek. Autor de varios artículos y libros relacionados con el tema del Ocio, el sociólogo británico describe su carrera académica como investigador, su comprensión del ocio contemporáneo y su crítica de la investigación actual. Las preguntas fueron formuladas con el fin de educar a los conceptos controvertidos desarrollados en su obra, como el ocio anormal, y temas de actualidad como la influencia de los medios de comunicación en las relaciones interpersonales y de los movimientos de resistencia en todo el mundo.

Palabras-clave: Chris Rojek. Entrevista. Estudios del Ocio.

¹ Doutorando pela *Université de Paris-Sud*, membro do laboratório SPOTS (*Sports, Politiques et Transformations Sociales*) e do grupo de pesquisa Otium – Lazer, Brasil & América Latina (UFMG/CNPq). Mestre em Estudos do Lazer pela EEFFTO-UFMG e bolsista CAPES/Programa Ciência sem Fronteira.

Conheci o professor Chris Rojek no ano de 2011, em Belo Horizonte, durante sua participação no I Fórum Internacional do Lazer. Nesse momento, encontrava-me no primeiro ano do mestrado na UFMG e ainda não tinha muita leitura sobre a sua obra.² No período em que ele esteve em Belo Horizonte tive a oportunidade de conversar, escutar e, até mesmo, levá-lo para conhecer alguns bares e outros locais marcantes de Belo Horizonte e no entorno da capital mineira. Foram momentos de descontração onde pude conhecer um pouco mais da personalidade de Chris Rojek, bem como suas ideias sobre o lazer e outros assuntos.

Em um primeiro momento a diferença cultural pode assustar, mas com o passar do tempo e, em ambientes de lazer, fica claro que estamos diante de um professor de olhar aguçado e, sobretudo, crítico. Chris Rojek é uma pessoa curiosa, um observador atento e, como ele mesmo salienta ao longo da entrevista, a observação é uma ferramenta imprescindível na investigação de fenômenos sociais.

A obra de Chris Rojek surpreende não só pela sua riqueza teórica mas, principalmente, pela franqueza de suas análises. Enquanto pesquisador, ele toca em assuntos controversos e, audaciosamente, justifica suas escolhas e argumentos. Não evita conflitos e, embora existam críticas pertinentes quanto à sua obra, é inegável sua competência e sua importância para o campo de Estudos do Lazer.

O Lazer – para alguns um campo multidisciplinar e, para outros, uma temática marginal – clama por autores como Chris Rojek: que instiguem e gerem transformações no patamar do conhecimento sobre o tema. Ao longo da entrevista foi possível perceber como a própria vida desse autor vai se transmutando em seu próprio campo de pesquisa, seja pela origem imigrante que sempre o assolou, seja pelos momentos históricos dos quais foi testemunha porque seus escritos passam pela vivência real dos acontecimentos. Um pesquisador social precisa considerar a miscigenação cultural, compreender os diversos movimentos de resistência para que, assim como o Lazer, possa derrubar os “muros” e as fronteiras ainda existentes no mundo, como poderá ser percebido no diálogo a seguir.

C. Castilho: Primeiramente, gostaria que você descrevesse seu percurso educacional e sua aproximação como pesquisador da temática do lazer.

C. Rojek: Eu fui a primeira pessoa da minha família que teve acesso à universidade e, como meus pais eram imigrantes, minha experiência universitária esteve sempre muito mais relacionada a um aprendizado sobre quem são os britânicos e sua

² Chris Rojek é Professor Titular de Sociologia na *City University London* e autor de mais de 50 artigos de referência no campo da sociologia cultural. Além disso, é autor de diversos livros, entre os quais, podemos citar: *The Labour of Leisure* (2011), *Fame Attack: The Inflation of Celebrity and its consequences* (2012) e *Event Power* (2013). Seu próximo livro está previsto para o ano de 2015, pela editora *Polity Press: Cambridge* que possui como título provisório *Presumed Intimacy: parasocial interaction in Media, Society and Celebrity Culture*.

história, do que a algum tipo de conhecimento acadêmico específico. Eu não sei se você conhece a Grã-Bretanha mas, caso você conheça ou deseje visitá-la, você deve estar atento ao fato de que não existe uma constituição. Portanto, tudo aquilo que hoje em dia constitui a vida de um britânico, tem como base principal noções que não estão escritas e que estão relacionadas à decência, aos modos e aos comportamentos tidos como corretos. Tudo é transmitido de maneira oral e pouca gente sabe disso.

Existe um lado complicado e, ao mesmo tempo, maravilhoso, quando os seus pais deixaram a escola aos 14 anos e são de origens diferentes. Meu pai era polonês e a minha mãe era irlandesa. Historicamente, ambos os países sempre foram marginalizados e sofreram ocupações das chamadas grandes potências. Analisando o meu passado, sem ter me dado conta disso na época, a história transmitida pela minha família me possibilitou um conhecimento afinado a respeito da importância e do papel do poder nas relações sociais, visto por uma camada marginal. Foi preciso muitos anos para que eu me sentisse britânico mas, mesmo assim, ainda não me sinto parte do “clube”. Eu tenho sorte de poder viajar muito na minha vida e, sinceramente, eu me sinto muito bem em outros lugares, como nos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália, na Nova Zelândia e, logicamente, no Brasil.

Na universidade eu obtive o meu bacharelado em Ciências Sociais. No primeiro ano de formação tínhamos como disciplinas básicas: Economia, História da Economia, Geografia Humana, Ciências Políticas e Sociologia. No segundo ano você poderia escolher duas disciplinas e, no terceiro ano, você deveria optar somente por uma. Assim, eu decidi pelas disciplinas de Ciências Políticas e Sociologia, no segundo ano, e pela Sociologia, no terceiro ano.

Após o bacharelado eu ingressei no mestrado em Sociologia. Nesse momento, a Europa e o Oeste Europeu passavam por um momento tenso e delicado, a Guerra Fria. Meu estudo possuía como base teórica a Teoria da Convergência e eu defendia a tese segundo a qual as sociedades capitalistas e estadistas foram involuntariamente crescendo juntas em arranjos econômicos e formações culturais. O poder da ideologia política do separatismo parecia bastante fraco quando confrontado com o apelo transnacional do esporte, da indústria cinematográfica, da música pop e, evidentemente, da comunicação de massa e do turismo. Minha pesquisa visava analisar as divergências existentes na então chamada “Iugoslávia” e as características de uma sociedade capitalista e estadista. No ano de 1948, Tito rompeu com o bloco comunista e apresentou ao trabalhador a autogestão como o principal mecanismo de organização econômica, ao invés do mercado livre ou da intervenção do Estado.

Nesse momento, eu tinha a possibilidade de continuar meus estudos através de um doutoramento sobre essa mesma temática. No entanto, com a chegada da Sra. Thatcher e do Sr. Reagan no poder minhas chances de continuar meus estudos acabaram. No Reino Unido, nesse momento histórico, o ministro da Educação, Keith Joseph, considerava as Ciências Sociais, em particular a Sociologia, como um “inimigo

interno do poder”. Assim, ele tentou corroer o ensino dessas disciplinas e, durante muito tempo, não havia empregos para os sociólogos britânicos. Como sabemos os políticos, muitas vezes, são incapazes de resistir às grandes pressões sociais. Depois de alguns anos o ataque à Sociologia recuou e houve um novo crescimento da área. No entanto, na minha opinião, o espírito contestador e questionador da Sociologia anterior ao governo da Sra. Thatcher nunca mais foi o mesmo. Na Grã-Bretanha, pelo menos, tornou-se uma área menos atuante.

Depois de finalizar o mestrado eu passei dois anos procurando emprego. Foi uma época de alto desemprego na Grã-Bretanha e eu tive que me virar em empregos pontuais, como “lavador de pratos”, colecionador de peças de carros usados e escavador de estradas. Embora tenha sido um momento curto de recessão, eu continuei as minhas leituras na área e tentava constantemente uma boa publicação. Depois desse período eu consegui um emprego fixo no *Queen’s College* em Glasgow, após a realização de uma palestra no *College of St. Mark & St. John*, em Plymouth. Assim, residindo em Glasgow, eu realizei um doutorado de tempo parcial em Sociologia e consegui, no ano de 1993, publicar minha pesquisa em formato de livro, intitulado *Ways of Modern Transformations in Leisure and Travel*.

Antes de abordar a questão dos estudos do lazer propriamente dita, eu preciso esclarecer como iniciou meu interesse por este campo de pesquisa. Durante toda minha formação como estudante eu nunca tive disciplinas focadas em Sociologia do Lazer e/ou Cultura. Visto que passávamos por um movimento cultural extremamente importante entre as décadas de 1980 e 1990, é curioso pensar que o mundo da Sociologia não se interessava por este tema. O Lazer era pesquisado, mas somente como parte de algum outro estudo maior, pois já era um tema marginal nesse época. Os pesquisadores analisavam o trabalho e falavam sobre lazer como um complemento dessa temática. Dessa forma, o lazer era visto como uma compensação em relação ao trabalho. Nesse mesmo período eu também me interessava pela música pop, pelo mundo cinematográfico, pelo esporte, pela literatura, pela poesia e pela arte e, conseqüentemente, eu enxergava todas essas modalidades como possibilidades de lazer. Hoje em dia, tudo isso é visto como cultura. Estou fazendo essas relações pois, minha aproximação com o lazer, sempre se deu através do viés da cultura. Nesse momento histórico, o caráter social do lazer era muito mais proeminente do que nos dias de hoje. Na década de 70 muitas pessoas tinham a certeza de que o lazer se encontrava na próxima esquina. Essa noção era possível pelo crescimento econômico e pela distribuição da riqueza, em especial, o desenvolvimento da automação (informatização do trabalho) e a expansão das atribuições do Estado em função da educação e do bem estar, entre outros. No entanto, como sempre acontece na vida social, uma reviravolta aconteceu. Com a revolução neoliberal, introduziu-se uma desregulação sistemática, causando uma precarização do trabalho e uma conseqüente comercialização do lazer. É notável como a população aceitou tudo isso de maneira tão passiva. Em 1980

deveríamos ter assistido a uma manifestação violenta quando começaram a cobrar pelos jogos de futebol e pelos filmes que passavam na televisão. Após 20 anos, no ano 2000, essa taxação já era tida como “normal”. Os teóricos do lazer desse período eram extremamente utópicos e muito pouco críticos para que ocorresse qualquer mudança. Faltava-lhes uma verdadeira consciência dos imperativos capitalistas e da política do lucro extremo. Eu desenvolvi um pouco melhor esta ideia no meu livro *The Labour of Leisure* (2011).

Assim, posso dizer que uma ideia principal que reside na minha abordagem do lazer é uma apreciação absoluta quanto ao conceito de poder e de cultura. Na minha graduação eu fui encorajado a analisar a vida social através da perspectiva histórico-comparativa. Ou seja, enxergar as questões sociais e psicológicas pelos prismas: a) histórico (diferença entre o modo de vida presente e passado), e b) comparativo (como se dão as condições de vida ao meu redor e em diferentes lugares, ou seja, não apenas em outros países mas, sobretudo, em classes diferentes, em raças diferentes, entre opções sexuais diferentes, subculturas, etc.). Posso dizer que continuo apreciando a abordagem histórico-comparativa. Essa perspectiva requer um cultivo refinado do que chamarei nos meus estudos de “observação”. A fim de produzir trabalhos relevantes em sociologia e cultura você deve estar próximo do objeto pesquisado e, quando possível, participar ativamente. Isso significa que, além de ler o máximo possível, você deve apreciar o valor dos meios não-imprensa, como o cinema, a música, a televisão, a Internet, entre outros. Tudo isso é fonte de pesquisa e conhecimento.

C. Castilho: Quais foram as suas principais influências teóricas e que lhe possibilitaram uma aproximação com os Estudos do Lazer?

C. Rojek: Minha graduação em Sociologia aconteceu na *University of Leicester*. Nesse local, os outros professores nos ensinavam que o maior sociólogo vivo estava entre o corpo docente da nossa instituição: Sr. Nobert Elias. Elias era um judeu de origem alemã que havia fugido do nazismo e havia se tornado um cidadão inglês. Ele desenvolveu uma teoria sociológica própria que invocava os grandes teóricos clássicos, especialmente Comte, Marx, Durkheim e Weber. Além disso, ele desenvolveu alguns conceitos sociológicos próprios, como *figuration*, *homo calculus*, *balance of power relationship*, entre outros. O melhor livro de Elias, *The Civilizing Process* (1939) não havia sido traduzido para o inglês até o ano de 1978. O segundo volume foi publicado somente em 1982. Assim, na Universidade, eu fui influenciado sobremaneira pelo Sr. Nobert Elias. E foi justamente através dessa influência que pude desenvolver e compreender os grandes clássicos da sociologia, como Comte, Marx, Durkheim e Weber. Foi também através dessa aproximação que me apropriei da perspectiva histórico-comparativa e a importância de ser criativo no ato da observação social.

Eu vou lhe dar um exemplo do quão incomum era o pensamento de Elias naquela

época e, na minha opinião, ainda é. Muitos anos depois da sua morte, o jornal científico *Figurations* publicou uma pequena nota a respeito de uma experiência que ele havia conduzido no que diz respeito à percepção da idade e do risco. Elias decidiu investigar como se dava a percepção frente a essas duas questões em diferentes países. Hoje em dia, tal pesquisa envolveria diversas questões burocráticas, tais como: forma de financiamento, desenvolvimento de métodos qualitativos e quantitativos, indicadores diversos de desempenho e análise dos resultados. O método de Elias era muito mais prático e residia no princípio da troca natural entre os indivíduos, ao invés de entrevistas, pesquisas e afins.

Já um homem idoso nessa época, Elias decidiu que sairia do seu quarto de hotel em várias cidades europeias com o cadarço desamarrado e, a partir disso, ele observaria (e anotaria) a reação dos indivíduos frente a isso. Ele realmente constatou reações díspares entre os Espanhóis, os Alemães e os Britânicos quando eles encontravam um homem idoso e, ainda por cima, com os cadarços desamarrados. Eu gosto muito desse exemplo pois, através de um método extremamente simples, Elias pôde revelar uma forma de funcionamento social. Em muitos momentos eu suspeito de alguns métodos de pesquisas tradicionais, tais como entrevistas e grupos focais, pois eles não são trocas naturais entre os indivíduos. Os métodos de pesquisa podem influenciar o modo como as pessoas se comportam e, mais especificamente, o conteúdo das respostas.

Um ponto fraco na obra de Elias, na minha opinião, foi a falta de um engajamento político. Quando eu realizei meu doutorado em Glasgow eu fiquei interessado pela tradição e pelos pesquisadores da Escola de Frankfurt. O principal expoente que me inspirou nessa época foi David Frisby. David encorajou minha aproximação de Marcuse e Adorno através da obra de Georg Simmel e Walter Benjamin. Isso foi muito importante porque me possibilitou compreender a tradição crítica de Frankfurt, não através dos principais escritos de Horkheimer, Adorno e Marcuse, ou pela vertente do marxismo. Em vez disso, os conceitos de “cidade”, “surrealismo”, “outro”, “aventura” e “loja de departamentos” tornaram-se essenciais para que eu pudesse entender os conceitos abordados na minha própria pesquisa, a respeito do poder e da cultura. Na verdade, o que David me incentivou a fazer foi entender a tradição de Frankfurt retornando para as próprias raízes dessa vertente. E essas raízes não estão tão conectadas à obra de Marx, elas estão mais conectadas à Modernidade. Foi a transformação moderna do dia-a-dia causada pela industrialização, pela urbanização, pela comunicação de massa, pela tecnologia e pela democracia, que foram cruciais para a tradição crítica da Escola de Frankfurt. David também me apresentou à obra de Siegfried Kracauer, o “nominalista mágico”, como Martin Jay o descrevia. Kracauer esteve levemente conectado à Escola de Frankfurt e escreveu sobre temáticas como: o cinema mudo, o cinema falado, o significado social dos romances policiais, a mania da dança de salão e as viagens. Tudo isso me agradava muito, porém, para a maioria dos pesquisadores, não passava de banalidade. Eu enxergava uma grande pluralidade nessas temáticas e, na minha opinião,

elas pareciam muito mais importantes na vida dos cidadãos, tratava-se de uma dialética de classe e de uma noção ampla do poder. Tudo isso fez com que o meu interesse aumentasse cada vez mais em relação à sociologia da cultura e, dentro dessa grande área, encontrava-se o lazer.

No que tange aos teóricos específicos da área do lazer não tive nenhuma influência específica. No Reino Unido os dois principais expoentes são Stan Parker e Ken Roberts. Ambos pareciam defender uma espécie de pluralismo que, na minha opinião, não conseguiu lidar de maneira adequada com os conceitos de cultura e poder. A situação era ainda pior nos Estados Unidos, onde pessoas como Max Kaplan equiparavam o conceito de lazer com o conceito de liberdade de escolha. Esses pontos de vista plurais pareciam convincentes na época, pois a observação social demonstrava que o lazer vinha se comercializando e tudo aquilo que passava pelo viés da liberdade e/ou da escolha eram interessantes ao estado corporativo.

Na Europa o trabalho do francês Joffre Dumazedier foi amplamente discutido. No entanto, no meu ponto de vista, sua obra sempre foi supervalorizada. Atualmente, eu acho que sua obra ficou obsoleta e poucas pessoas se interessam por ela. Sua visão do lazer era neo-plural.

Outra influência forte nos meus estudos foi a ascensão do feminismo na Europa. Através dos trabalhos publicados por escritoras feministas, as questões relativas ao corpo e às emoções humanas vieram à tona no campo dos estudos do lazer. Esses novos conceitos enriqueceram muito a noção machista sobre poder e cultura que eu havia apreendido até então. O conceito “*male stream*”, como era chamado naquela época, deixou sem resposta várias perguntas importantes. No entanto, com a ascensão do feminismo, esses debates retornaram e foram capazes de responder alguns questionamentos.

Olhando para trás, eu posso dizer que tive sorte de ter tido professores tão preciosos. Tanto Nobeit Elias, quanto Frisby possibilitaram-me o que eu chamaria de “conhecimento de fuga” (*fugitive knowlegde*), ou seja, uma consciência de tradições importantes do pensamento e, ao mesmo tempo, uma forma crítica na observação do mundo que transpunha o banal. Eu tive uma formação baseada na obras desses autores e nas dicas que eles me passaram e, a partir disso, estabeleci o meu contato com os estudos do lazer. Resumindo em uma frase, eu confrontei o lazer tendo como base teórica várias tradições de uma sociologia da cultura fugitiva (*fugitive sociology of culure*).

C. Castilho: Levando em consideração os “tempos modernos”, especialmente o papel das novas tecnologias nas relações interpessoais, qual seria o seu conceito de Lazer? Qual o papel dos estudos do lazer dentro dessa sociedade contemporânea?

C. Rojek: Primeiramente, nós precisamos analisar as instituições internacionais dos Estudos do Lazer. Na Europa, na Austrália e na Nova Zelândia o tema Lazer está em

declínio. Outras áreas têm se apropriado dessa temática, tais como o Esporte, o Turismo e a Gestão de Eventos. Eu abordei um pouco sobre essa questão no meu último livro, *Event Power* (2013). No Canadá e nos Estados Unidos podemos evidenciar essa mesma tendência. Eu gosto especialmente do trabalho desenvolvido na *University of Waterloo*, no Canadá. A maioria das pesquisas desenvolvidas nessa instituição de ensino permanece com uma tradição crítica. Nos Estados Unidos, o Estudo do Lazer tem sido impulsionado majoritariamente através de um viés vocacional, comercial e profissional. As pessoas que estudam o Lazer nesses locais desejam levar este conhecimento para a gestão de um parque, em vez de considerar a questão metafísica do tempo livre na cultura capitalista contemporânea. Na minha opinião isso não é muito interessante, e não me surpreende que o meu trabalho não seja muito bem visto nos Estados Unidos. Por outro lado, ou melhor, atravessando a fronteira, o Canadá parece ser bem mais receptivo, enquanto os americanos me rotulam de “teórico crítico”. Esse rótulo não é pertinente pois o mesmo é relacionado à influência estritamente marxista que, como expliquei, representa apenas uma parte do meu trabalho. Na verdade, o que eles fazem é criticar eles mesmos. No entanto, os americanos não compreendem esta nuance ou não parecem tão interessados.

No Brasil e no México a minha impressão é que os Estudos do Lazer caminham em uma direção interessante. Há uma compreensão aguçada quanto ao aspecto teórico e, ao mesmo tempo, sobre a importância do lazer na organização social dos cidadãos. Eu já estive no Brasil duas vezes como conferencista e, em cada ocasião, eu me surpreendi com a atuação forte das comunidades e do Estado na viabilização do lazer.

A partir dessa primeira exposição eu posso dizer que, de uma maneira global, o Estudo do Lazer está em declínio. Em oposição, as perguntas que surgem a partir do Lazer permanecem relevantes. O que mudou é que, atualmente, tratam-se de estudos interessantes, elaborados a partir de disciplinas e contextos institucionais diferentes. Por exemplo, na minha opinião, os Estudos de Mídia e Comunicação estariam mais interessados em questionar o “tempo livre” na sociedade contemporânea através do questionamento das redes sociais e dos aspectos relacionados à Internet. Já a Ciência Política e a Geografia Cultural estariam mais interessadas nas questões relacionadas à sociedade no que diz respeito ao papel primordial que o trabalho vem desempenhando. As pesquisas desenvolvidas por David Harvey e Stephen Graham sobre o papel do poder e da resistência nos espaços urbanos são bem interessantes. Graham discute a questão da segurança nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 e revela que havia mais policiais e militares na capital inglesa nesse período do que nas Guerras do Afeganistão e do Iraque juntas. Os grandes centros urbanos têm sido alvo constante de medidas de segurança, tais como: câmeras de vigilância, identidades eletrônicas, testes biométricos, arquitetura específica nas construções, entre outros. Tais medidas de segurança são utilizadas e desenvolvidas pela força militar do “ocidente” com o intuito de experimentá-las em guerras no Afeganistão, Iraque e no controle das populações da Palestina e de Israel.

Dessa maneira, fica fácil para os chamados “povos livres” do oeste aceitar a noção de segurança nacional, sem falar, é claro, de tudo aquilo que envolve a violação dos direitos civis. Todas essas transformações possuem um impacto direto tanto no tempo quanto no espaço do Lazer. No entanto, eu não percebo um engajamento dos pesquisadores em relação à essas temáticas, e menos ainda na área de Gestão de Eventos.

Na verdade, a área de Gestão de Eventos já lida com o temática do Lazer de maneira extremamente comercial. Os chamados Megaeventos internacionais não podem ser analisados como uma celebração de espíritos livres, eles são, ao contrário, uma das manifestações mais comercializadas e controladas atualmente. A Copa do Mundo 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil irão reunir um número inimaginável de seguranças a fim de controlar as multidões. Tudo isso vai para além da presença física nos territórios. Existe, também, um gasto de milhões de dólares em relação à segurança das empresas quanto ao conteúdo digital desses eventos. O processo de pacificação das favelas do Rio é um primeiro passo do governo para “limpar” a cidade. Os grandes eventos esportivos e de entretenimento são utilizados pelas autoridades locais com o objetivo de expandir medidas de segurança pública para coibir a presença do que eles mesmos nominam como “grupos de risco”. Depois, assim que o evento termina, as imposições continuam. O papel do Lazer como instrumento de segurança pública ou, como diria Graham, militarização, é um campo de abordagem fascinante para os Estudos do Lazer.

Eu acredito que os Estudos do Lazer deveriam questionar grandes temáticas transversais. Grande parte dos estudos o Lazer é vista de maneira positiva e progressista. Nos Estados Unidos os profissionais do Lazer são espetacularmente positivos. Eles consideram o Lazer como uma ferramenta de melhoria pessoal e do bem-estar comunitário. Eu não penso que essa análise esteja totalmente equivocada, mas é certamente unilateral. O Lazer possui várias facetas, às vezes otimista, às vezes pessimista, ou seja, pode provocar um crescimento pessoal e pode, também, levar ao declínio dos indivíduos. Os pesquisadores do Lazer precisam prestar atenção nesses detalhes caso o objetivo final seja abordar pontos socialmente relevantes. A sociedade do Lazer, como se imaginava no passado, não vai se realizar tão cedo. Assim, devemos enfatizar em nossas pesquisas as diversas modalidades e consequências do Lazer levando em consideração o campo e a presença do poder.

C. Castilho: Seria possível traçar algum paralelo entre os Estudos do Lazer e as atuais manifestações de resistência ao redor do mundo – tais como: a Primavera Árabe, o movimento de ocupação de Wall Street, as manifestações no Brasil ao longo da Copa das Confederações 2013, os problemas atuais na Ucrânia –, principalmente quando pensamos no poder das redes sociais?

C. Rojek: Eu sempre considerei um erro pensar que a origem dos movimentos de resistência política e econômica, como o sindicalismo, acontece de maneira local. Isso

nos permite uma interpretação equivocada do próprio movimento. Os sindicatos, por exemplo, embora tenham começado a se desenvolver no próprio local do trabalho, ou seja, nas fábricas, a discussão verdadeira deslocou-se e ganhou força em outros ambientes. Jurgen Habermas realizou um estudo a respeito do que ele chamou “a esfera pública” das casas de café (*coffe house*) de Londres durante o século XVIII. Era exatamente nesses locais que as pessoas ficavam mais à vontade para criticar a monarquia, a nobreza, a polícia, entre outros. Nesse momento, os *cofee houses* representavam um espaço privilegiado do Lazer. Embora Habermas não tenha reconhecido explicitamente isso, esses locais testemunharam o nascimento de uma forma de resistência organizada e de certas redes de comunicação, como a imprensa radical e a distribuição de panfletos. No caso dos sindicatos britânicos, os *pubs* desempenharam o mesmo papel. Não é por acaso que os *pubs* britânicos, ainda hoje, possuem nomes como: “O braço do padeiro”, “O braço do pescador”, “O braço do pedreiro”. Cada classe de trabalhador tinha o seu local reservado, a sua rede social da época. Somente nesses locais de lazer os trabalhadores conseguiam arejar a cabeça. Assim, distantes dos respectivos locais de trabalho, eles começavam a articular uma resistência. Portanto, o Lazer tem uma importância política muito maior do que se pensa.

Quanto aos movimentos de resistência contemporâneos, como a Primavera Árabe e a ocupação de Wall Street, eu confesso que fiquei extremamente surpreso com o papel desempenhado pelas redes sociais, ou seja, por uma ferramenta voltada para o Lazer. A Internet, principal forma de lazer atualmente, também representa um onipresente instrumento político e de troca de informações. Não é por acaso que países ditatoriais como a China e a Coreia do Norte controlam o acesso e as buscas dos cidadãos na grande rede. Lembro-me que fui convidado para ministrar um curso na área de turismo em Hangzhou, na China, há aproximadamente 10 anos. Estávamos hospedados em um hotel de luxo e durante todo o tempo em que estávamos lá, discutindo entre os professores, dois funcionários do governo nos vigiavam e anotavam nossas discussões. Logo após o seminário todos os palestrantes foram obrigados a fazer um relatório sobre a estadia no país e, assim que entramos no prédio oficial, nossos celulares pararam de funcionar, algo surpreendente!

No entanto, como em todos os meios, existem os interstícios. Mesmo o controle total não é capaz de parar completamente a utilização da Internet. Nenhum governo pode impedir a disseminação de uma ideia, nenhum partido pode coibir a transmissão digital. Então, voltando à pergunta, a resposta é sim, a Internet e a comunicação digital em geral são ferramentas poderosas e o Lazer, mais uma vez, encontra-se interligado a esse fenômeno. Porém, não podemos esquecer que a Internet é somente um meio de comunicação. O mesmo instrumento digital que pode iluminar e capacitar as pessoas pode ser utilizado como pura distração e se transformar em uma prisão. Como uma arma eficaz de resistência, somente a Internet não é suficiente. Como você bem lembrou, o movimento de ocupação de Wall Street foi o maior exemplo de agitação civil no ocidente

do século XXI. Mais uma vez eu fiquei impressionado porque os pontos de encontro dos manifestantes foram as praças e os parques públicos, ou seja, espaços de lazer, locais onde as pessoas se manifestavam e eram repreendidas pela polícia.

O grande problema foi que o grupo *Ocuppy* confiou demais no protesto espontâneo. Assim, ele deixou de ser uma estratégia. O que foi verdadeiro em outras épocas também será verdadeiro na era digital, ou seja, movimentos de resistência eficazes precisam de organização, necessitam de ideias claras e, essencialmente, de uma liderança. A manifestação em Nova Iorque rejeitou as três regras básicas de um protesto perdurável. Ele defendeu o poder horizontal apresentando objetivos dispersos, não estabeleceu conexão política e não havia um líder. Não é por acaso que o movimento tenha se dissipado tão rapidamente e, atualmente, encontra-se como uma milícia *underground*. Pelo que eu entendo da Primavera Árabe, acredito que algo parecido tenha ocorrido.

Acho válido que os jovens sejam otimistas quanto ao Lazer e ao poder das redes sociais como ferramenta de transformação. Porém, aqueles que enxergam espontaneamente trazem consigo outros “99%” que estão completamente desengajados. Esses 99% representam uma categoria social que se subdivide em outras centenas, por raça, etnia, classe, gênero, orientação sexual, religião, ou seja, outros movimentos de resistência que utilizam a Internet como forma de impulso e troca digital. Assim, como já aconteceu outras vezes, ao menos que ocorra uma organização maior e uma estratégia coerente, a tendência será o desaparecimento rápido dessas formas de manifestação.

C. Castilho: Levando em consideração alguns conceitos presentes nos seus artigos, especialmente sua definição de “lazer anormal” (*abnormal leisure*), você considera que ainda existe um receio dos pesquisadores do Lazer quanto às temáticas sociais mais sensíveis, por exemplo, a utilização de drogas, os desvios sexuais e a violência, entre outros?

C. Rojek: A sua pergunta me faz retornar à importância da observação social dentro da pesquisa científica. Eu nunca cheguei a comprar maconha na minha vida. Quando eu era jovem, era muito comum o consumo de maconha no tempo de lazer, geralmente nos concertos musicais e em associação ao álcool. Em algumas situações, principalmente nesses ambientes, eu fumava na companhia dos meus amigos. No entanto, eu não posso falar que era um usuário regular. Na verdade, eu sempre tive receio quanto à dependência que a droga poderia acarretar e aos seus efeitos maléficos a longo prazo.

Porém, eu ficava intrigado porque mesmo nos anos 80 e 90 o uso da maconha não era discutido em conferências sobre o Lazer. Além disso, não havia nenhuma publicação em revistas científicas sobre esse tema. Era como se no campo dos Estudos do Lazer o consumo de drogas fosse visto como algo muito mais relacionado a desvio de

conduta, ou seja, algo relacionado ao crime e que deveria ser estudado por criminologistas. Essa visão retrógada em relação ao lazer tido como ilegal me levou a desenvolver as três formas de lazer anormal que estão presentes no meu livro *Leisure and Culture* (2000): invasor, mefítico e selvagem. Mesmo hoje, quando o assunto vem à tona, há uma forte hostilidade quanto ao conceito de lazer anormal. Eu interpreto essa reação como um reflexo do grande poder de uma ideologia positiva dentro do Estudo do Lazer. A ideia de que a prática do lazer pode envolver violência e prazer, o consumo intensivo de drogas ou provocar dor ao outro (mensagens de ódio e assédio) parecem óbvias para mim e prontamente verificáveis por meio da observação social. No entanto, para muitos profissionais do campo do Lazer o que se passa é uma tentativa, de minha parte, em desdobrar uma temática da criminologia. Caso alguém queira aprofundar nessa temática eu sugiro que assista ao vídeo intitulado “*Ted Bundy: final interview*”, que está disponível no *You Tube*. Para quem não sabe, Ted Bundy era um assassino em série cujas vítimas eram principalmente estudantes do sexo feminino e crianças. A entrevista ocorreu um dia antes da sua execução, em janeiro de 1989. A entrevistadora, James Dobson, gasta 30 minutos tentando descobrir qual era a motivação por trás dos assassinatos em série praticados por Bundy. Embora o assassino tenha assumido total responsabilidade quanto aos atos cometidos, ele enfatiza algumas influências sociais que o incentivaram ao que eu denomino como “lazer mefítico”. Entre elas, ele destaca a pornografia e o abuso do álcool. Durante a entrevista, Bundy argumenta que para pessoas como ele o consumo de pornografia funciona como um aditivo muito poderoso e que, em algum momento, esse aditivo deverá se tornar realidade. Além disso, ele admitiu ter bebido antes de ter cometido todos os assassinatos. Atualmente, através da tecnologia, temos acesso a qualquer tipo de pornografia que quisermos mas, na época de Bundy, esta aquisição se dava através do cinema e/ou de vídeos caseiros. Mais uma vez, constatamos que o ambiente de lazer possui um papel principal, pois a pornografia e o álcool situam-se nesse locais. Esse consumo ocorre, principalmente, em ambientes e momentos de não trabalho. Assim, podemos perceber ao longo dessa entrevista que as origens do ódio de Bundy pelas mulheres e seu desejo incontrolável estavam diretamente interligado às experiências adquiridas em contextos de lazer.

É inquestionável que as formas de lazer anormais existem. A verdadeira questão é: por que os alunos envolvidos no Estudo do Lazer não empreendem uma análise intensiva desse fenômeno? Para além da visão positiva do Lazer que já foi discutida, eu acredito que existe uma tendência em considerar o lazer anormal como algo próximo de um distúrbio de personalidade. Em outras palavras, os pesquisadores se apropriam de um modelo médico ao pensar no lazer anormal e o consideram como algo relacionado à psiquiatria e/ou à genética. A partir disso, diversos questionamentos vêm ao meu pensamento. Por que o lazer praticado por pessoas com distúrbio de personalidade não nos interessa? Por que fechamos os olhos para possibilidades de lazer que julgamos como desviantes e/ou ilegais? Na minha opinião, se o campo do Estudo do Lazer

pretende ser relevante, ele deve abranger todas as formas e práticas presentes no “tempo livre”.

O exemplo da entrevista de Bundy é particular pois nos permite criticar esse modelo médico enraizado no lazer anormal. Em um determinado momento, ele insiste que durante a maior parte da sua vida como assassino em série ele realizou atividades “normais”, ou seja, ele tinha um emprego fixo e era aceito pela sociedade como uma pessoa comum. Para ele, as atrocidades cometidas foram realizadas de maneira pontual e em virtude de uma combinação de fatores sociais. O interessante é que Bundy vivia à “deriva” constantemente, bem mais próximo de um lazer metílico do que apresentando uma personalidade patológica. Embora eu condene veementemente o comportamento de Bundy e saiba que em vários momentos da entrevista ele tenha tentado persuadir os espectadores, eu penso que essa ideia de “deriva” é importante e nos leva ao conhecimento da verdadeira personalidade desses indivíduos. Essa mesma análise seria possível nas formas de lazer “invasiva” e “selvagem” que completam o que defino como lazer anormal.

C. Castilho: Como você sabe, o Brasil será palco da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos nos próximos dois anos. Considerando as ideias expostas no seu último livro, *Event Power* (2013), como os pesquisadores do lazer deveriam abordar os grandes eventos esportivos? Quais aspectos poderiam ser enfatizados?

C. Rojek: A primeira coisa que deve ser dita é que já se faz presente um grau de colonialismo na resposta da Europa e dos Estados Unidos quando analisamos esta questão. Atualmente, como tem saído na imprensa, existe uma crítica feroz do COI quanto à organização e os preparativos do Brasil em relação dos Jogos Olímpicos 2016. Os meios de comunicação do ocidente divulgam alegremente essas informações a fim de comparar os esforços de um país nomeado como “em desenvolvimento” com a organização realizada pelos países tidos como “desenvolvidos”. Somente esse aspecto, na minha opinião, já seria um bom objeto de pesquisa.

Como você especificou na pergunta, em meu último livro publicado há um capítulo onde discuto o Carnaval no Rio de Janeiro e como esse evento, outrora espontâneo, tornou-se tão comercializado. Através da influência da televisão, dos patrocinadores e do turismo brasileiro, o Carnaval foi privado do seu espírito fundador igualitário e de acesso a todos. Um evento tão importante que originalmente foi constituído para denunciar a tirania e a injustiça de um povo tem sido descaracterizado e substituído por uma imagem anódina do multiculturalismo brasileiro. Esses acontecimentos demonstram uma subjugação do Carnaval do Rio em detrimento de forças comerciais e da gestão econômica.

Nesse livro eu também analiso os Jogos Olímpicos de Inverno de 2010 em Vancouver. A construção das novas arenas esportivas, dos novos hotéis e das melhorias

no transporte público levaram ao inflacionamento e à consequente especulação imobiliária. As comunidades locais foram expropriadas com o objetivo de liberar mais espaço para a competição e para a construção do parque olímpico. Os orçamentos iniciais foram quase todos ultrapassados, as moradias dos atletas foram revendidas para o sector privado e os moradores antigos daquela região foram proibidos de retornar por causa do aumento do preço dos imóveis. Tudo isso aconteceu também em Pequim, Atlanta, Sidney e em Londres. É improvável que seja diferente no Brasil. O poder do capital econômico é tão devastador nesse tipo de evento que a comercialização suprema é inevitável.

Consequentemente, a simples ameaça de terrorismo ou um mero protesto podem significar um gatilho importante para uma securitização dos Jogos Olímpicos. Todas as formas imagináveis de segurança são utilizadas nesses eventos, custam bilhões de dólares e devem crescer a cada ano. Os Jogos Olímpicos são divulgados, e com razão, como um momento de renovação cívica e fraternização. Mas não se enganem, eles representam uma grande oportunidade de lucro para as empresas e para o policiamento, ou seja, são uma expansão do abuso do poder. Tal situação acontecerá no Brasil assim como tem ocorrido em todos os países sede.

C. Castilho: Tendo sido convidado como conferencista de um evento realizado em Belo Horizonte no ano de 2011 e através da sua aproximação com pesquisadores do Lazer na América Latina, quais são as suas impressões quanto à pesquisa desenvolvida fora do eixo Estados Unidos/Europa?

C. Rojek: Há muito tempo sou da opinião de que alguém deveria realizar um estudo sobre a divisão internacional das pesquisas no campo do Lazer. O *World Congress of Leisure* pode ser visto como um encontro genuíno dos profissionais e dos estudiosos dessa temática. Porém, na minha opinião, as organizações internacionais dos Estudos do Lazer ainda são dominadas pelos Norte-americanos e Europeus do Ocidente. Eles ainda possuem o capital e o poder no desenvolvimento das pesquisas. Embora tenham representantes de outras regiões do globo, a minha impressão é que essa influência ainda acontece de maneira incipiente.

Mesmo que os estudos do Lazer contemplem temáticas como a globalização, a colonização tem sido analisada através do viés histórico. Existem estudos relacionados ao lazer em grandes impérios e em economias de plantação, entre outros. Mas há uma carência enorme no que poderíamos chamar de “colonização geopolítica” das instituições internacionais que são, em parte, destinadas a redistribuir o poder de maneira igualitária.

Como eu disse ao longo da primeira resposta, eu não creio que as fronteiras nacionais sejam úteis nas possíveis análises do lazer contemporâneo. Para mim, a principal unidade de análise não é a nação, mas o mundo. O fluxo absurdo de capital que está sendo depositado no Brasil, seja para a Copa do Mundo, seja para o Jogos

Olímpicos, deve ser compreendido como um dinheiro mundial e o lucro extraído pelos órgãos organizadores, FIFA e COI, deveria ser distribuído globalmente. É evidente que os países fora do eixo EUA/Europa devam analisar o Lazer no próprio território, mas com um apreço importante às questões globais e a diferentes formas de organizações. Roland Robertson, em muitos aspectos, iniciou o debate sobre a globalização na década de 90 e fala de “glocalização”. Acredito que todos os estudantes que abordam o Lazer deveriam se apropriar desse tipo de concepção.

C. Castilho: Para finalizar esta entrevista, gostaria que você nos informasse sobre os seus projetos futuros como professor e pesquisador.

C. Rojek: Posso dizer que nos últimos dez anos eu venho me afastando do estudo do lazer puro. Ou melhor, eu me concentrei em algumas temáticas específicas do lazer. O livro *Celebrity* (2004) e *Fame Attack: The Inflation of Celebrity and its Consequences* (2012) têm abordado a temática do mundo dos famosos e questionado o seu papel, suas motivações e suas consequências globais. O livro *Celebrity* já foi traduzido para o português e acredito que seja de fácil acesso para aqueles que se interessarem.

Atualmente, estou terminando um outro livro pela editora *Polity Press*, da Grã-Bretanha, que possui como título *Presume Intimacy: Parasocial Interaction in Media, Society and Celebrity Culture*. Acredito que será publicado em 2015. O livro tem como objetivo analisar o sentimento emocional observado em alguns indivíduos em relação às pessoas que eles nunca viram e que não conhecem. Para além das figuras famosas, com quem muitas vezes as pessoas têm vínculos emocionais profundos, há também o que chamo de “homens e mulheres de estatística” – vítimas da fome, de doenças ou de um acidente que tornou-se mediático como um tsunami, um terremoto ou algum outro desastre natural ou provocado pelo homem. Eu acho que muitos de nós no Ocidente desenvolvemos tipos de relações improváveis com essas pessoas. É como se nós soubéssemos a dor pela qual essas pessoas passaram. É uma espécie de colonialismo digital por meio do qual o dinheiro do Ocidente possibilita um *voyeurismo* para com o sofrimento dos pobres. Meu livro analisa as formas e as motivações por trás dessas ações.

Além disso, também destaco a utilização política desses desastres mundiais. Por exemplo, após o atentado à bomba em Boston (2013), o presidente Obama se pronunciou imediatamente em rede nacional afirmando que ele e sua família eram solidários ao sofrimento das vítimas, que sabiam o que aquele momento representava e que rezariam por todos os envolvidos. Na maioria dos casos da vida cotidiana, uma pessoa que dissesse essas mesmas palavras garantindo que reconhecia o sofrimento e que rezaria por todos seria considerado como um santo ou, talvez, como um maluco. No entanto, os políticos apropriam desse discurso em situações de grandes tragédias e

disparam frases emotivas como estas.

Além disso, eu também estou trabalhando em um livro para a editora *Bloomsbury Academic Press* em Londres que tem como título *Event Consciousness*. O livro questiona porque os meios de comunicação nos apresentam o mundo como uma série de incidentes, eventos e emergências. As verdadeiras estruturas do poder e os processos que estão por trás daquele acontecimento são raramente expostos. Por exemplo, muitos críticos questionam a ideia de um desastre ecológico. Caso os recursos tivessem sido distribuídos de maneira igualitária e caso os políticos tivessem feito exatamente aquilo que eles prometeram, os efeitos desses desastres não seriam tão dramáticos. Como de costume no meu trabalho, existe também um grande viés relacionado ao poder. Vou citar um outro exemplo: muitos comentaristas afirmam que o Furacão Katrina (2005) poderia ser classificado como um desastre provocado pelo próprio homem. Elas apontam que as áreas mais afetadas eram exatamente as áreas ocupadas pela população negra. Décadas atrás, essas áreas tinham sido identificadas pelos promotores imobiliários como sendo precárias e não habitáveis. Tendo em vista a sensibilidade do direito civil norte-americano, remover a população negra desses distritos através de uma lei seria um grande desafio e envolveria um gasto enorme. Assim, como era sabido, e através de um sub-investimento na prevenção de desastres naturais, a “Natureza” iria realizar esse trabalho para as autoridades locais. Se esse argumento é verdadeiro ou não, não sabemos, mas dificilmente seria destaque na cobertura do desastre do furacão Katrina. A cobertura ficou totalmente focada no acidente e no sofrimento das vítimas, que ficou mundialmente conhecido como um desastre natural.

Para finalizar, eu também tenho me interessado pela temática da falsificação dentro do comércio. Uma em cada dez transações comerciais realizadas no mundo envolvem troca de mercadorias ilegais. Pensamos nelas como envolvendo bens de luxo, como perfumes, moda, malas, relógios de pulso e assim por diante. No entanto, uma grande quantidade desses produtos são mercadorias farmacêuticas, softwares ou peças sobressalentes de automóveis e/ou aviões. Eu já escrevi um artigo sobre esta temática e, talvez, esse estudo possa caminhar para outras análises, nunca se sabe, não é? Como eu já pontuei algumas vezes, eu atribuo uma grande importância para a observação social. Devemos estar atentos ao que nos cerca e aos acontecimentos em todo o globo, trata-se de um trabalho diário, principalmente quando existe um comprometimento científico relacionado aos processos históricos existentes. Dessa forma, como você pôde ver, eu tenho muito trabalho pela frente e por um longo período!

REFERÊNCIAS

ELIAS, N. **The civilizing process**: the history of manners. Oxford: Blackwell, 1969.

ELIAS, N. **The civilizing process**: state formation and civilization. Oxford: Blackwell, 1982.

ROJEK, C. **Leisure and culture**. Palgrave Macmillan, 2000.

ROJEK, C. **Celebrity**. London: Reaktion Books, 2004.

ROJEK, C. **The labour of leisure**. London: Sage, 2010.

ROJEK, C. **Pop music, pop culture**. Cambridge: Polity, 2011.

ROJEK, C. **Fame attack**: the inflation of celebrity and its consequences. London: Bloomsbury Academic, 2012.

ROJEK, C. **Event power**: How Global Events manage and manipulate. London: Sage, 2013.

Endereço para correspondência

Rua Santo Antônio do Monte, 579/302. Bairro Santo Antônio.
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. CEP: 30.330-220

Recebido em:
22/03/2014

Aprovado em:
31/03/2014